

DE ASSOCIAÇÕES ÀS REDES DE SOCIABILIDADE: ANÁLISE DE RESULTADOS DE PESQUISA EM ASSENTAMENTOS DE REFORMA AGRÁRIA

*Thauana Paiva de Souza Gomes¹
Vera Lúcia Silveira Botta Ferrante²
Dulce Consuelo Andreatta Whitaker³*

Resumo: Temos como finalidade neste artigo apresentar resultados do projeto Assentamentos Rurais e Desenvolvimento: tensões, bloqueios e perspectivas (uma análise comparativa em duas regiões do Estado de São Paulo (2007-2010), relacionados ao eixo de sociabilidade, especialmente, nos assentamentos de Araraquara. Neste projeto buscamos um levantamento do perfil da população assentada, através da aplicação de questionários com 20% aproximado do total de famílias. O fruto desta atualização foi um banco de dados com informações multidimensionais sobre as regiões pesquisadas. O artigo analisa situações relacionadas à sociabilidade como expressão das situações simbólicas pós conflitos decorrentes das parcerias com usinas sucroalcooleiras.

Palavras-chave: Associações; Alternativas de Produção e Reprodução Social; Assentamentos Rurais.

Abstract: Our purpose in this paper is to show the results obtained from the studies and available data in the Rural Settlements and Development Project: tensions, blockades, and scenarios [a comparative analysis of two

¹Mestranda do programa de Pós-Graduação em Ciências da Educação da Unesp de Araraquara e Pesquisadora do Nupedor.

²Pesquisadora 1A CNPq, coordenadora do PPG em Desenvolvimento Regional e Meio Ambiente – Uniara e do Nupedor.

³Professora/pesquisadora do programa de Pós-Graduação em Educação Escolar da UNESP Araraquara.

areas within the state of São Paulo (2007-2010)], related to the sociability axis, particularly in the settlements of Araraquara. In this Project we seek to investigate the profiling of the settlers community through the use of questionnaires which were completed by approximately 20% of total families. The information collected from the whole survey allowed to optimize a multidimensional database. The paper examines the social situations as symbolic expressions underlying tensions caused by post-conflicts they experienced in their agreements and partnerships with sugarcane mills.

Keywords: *Associations; Alternative Systems for Production and Social Reproduction; Rural Settlements.*

Caminhos da pesquisa

Este artigo se refere a dados e informações coletadas no curso do projeto "Assentamentos Rurais e Desenvolvimento: tensões, bloqueios e perspectivas (uma análise comparativa em duas regiões do Estado de São Paulo)", financiado pelo CNPq e desenvolvido sobre a coordenação dos professores doutores Vera Lúcia Silveira Botta Ferrante e Luis Antonio Barone. Buscou-se a verificação dos espaços de sociabilidade e associação nos assentamentos da região de Araraquara, particularmente, o Bela Vista do Chibarro e Monte Alegre.

Os dados coletados e discutidos aqui estão relacionados ao eixo de pesquisa voltado à análise dos laços afetivos e simbólicos, que podem interferir em aspectos políticos e econômicos do assentamento. Para tanto, é necessário levantar alguns caminhos teóricos para relacioná-los as questões relativas aos laços afetivos e às possibilidades de interferência nos aspectos produtivos e reprodutivos dos espaços pesquisados.

Assim ao tratarmos o homem como um ser essencialmente social, estamos nos propondo a levantar uma discussão de que o homem somente é em relação à coletividade e esta coletividade possui aspectos intrínsecos às formas como os seres se relacionam entre si. Este encontro de identidades entre membros de uma mesma coletividade se dá quando um reconhece algo em comum no outro. Este reconhecimento pode provocar manifestações de consciência coletiva que tem sentido na sociedade, que é o estar com o outro através de vínculos e impulsos ou de propósitos ligados aos conteúdos e interesses materiais ou individuais de cada um. Para discutir o vínculo e a satisfação que este processo oferece aos participantes, Simmel (2007) reconhece este fenômeno como sendo a sociabilidade. Para ele a sociabilidade é exatamente o conjunto nos quais os

conteúdos específicos das associações entre os membros proporcionam uma satisfação, que não pode ser individual, mas coletiva, tendo como objetivo dar aos outros e receber deles prazer.

Para analisarmos os assentamentos que nos propusemos a pesquisar, acreditamos ser possível estudá-los por várias óticas para melhor compreensão dos fenômenos sociais. Assim, nosso recorte temporal de análise é de 2007 a 2010. Neste período de trabalho acompanhamos um processo de intensa discussão sobre a inserção das parcerias voltadas ao agronegócio nos PAs. E em especial, em 2007 presenciamos conflitos sérios, como já mencionados em outros artigos:

...em junho de 2007, o ápice da ruptura entre favoráveis e não favoráveis às parcerias agroindustriais sucroalcooleiras, levou à invasão de alguns lotes do assentamento, por parte de alguns plantadores de cana, como forma de exigir a inclusão dos que não plantavam às parcerias. Tal conjuntura resultou na intervenção da polícia com o grupo de assentados. O desenrolar da questão foi que, no Bela Vista, as parcerias agroindustriais possibilitaram um alastramento da produção de cana-de-açúcar dentro dos lotes e a diminuição da diversificação de culturas, o que permitiu que alguns produtores com processos judiciais antigos fossem novamente processados por não estarem de acordo com a legislação vigente (já que tal parceria estava sendo caracterizada como arrendamento). Assim, cerca de 11 famílias foram desapropriadas e outros que não apresentavam processos jurídicos antigos, mas que também plantavam cana em grande parte do lote, fossem, aos poucos, sendo obrigados a desistir da parceria. Melhor explicado, os assentados em desacordo com a política de terras de Reforma Agrária também teriam de responder a um processo jurídico. Neste contexto de "vai e vem de parcerias", as pressões por parte do INCRA e da FERAESP foram aumentando, as relações de conflito permanecendo à flor da pele e as relações interpessoais cada vez mais diluídas. A tensão tomou conta do assentamento e as pessoas deixaram de frequentar o âmbito público e se restringiram ao particular. Neste momento, tudo que se relacionava à rua era visto como perigoso, um campo minado (GOMES, p. 3, 2009).

Tais acontecimentos nos levaram a uma análise aprofundada não apenas de aspectos políticos e econômicos, mas também de aspectos simbólicos ligados à sociabilidade.

No decorrer da pesquisa algumas hipóteses foram levantadas por conta do cenário desta correlação de forças: a interrupção de momentos festivos, a não permanência de jovens, a intensificação de conflitos, a diminuição da produção voltada à subsistência, a diluição e esgarçamento das relações sociais e, por consequência, um certo esquecimento do patrimônio imaterial dos assentamentos. Todos estes pontos estavam, segundo nossas hipóteses, sendo prejudicados em decorrência deste longo processo de disputa de poderes entre assentados e usinas sucroalcooleira.

Quando buscamos entender a sociabilidade nos assentamentos, é preciso perceber que as formas de trocas estão inseridas em um sistema social, os quais influenciam, por condições simbólicas e materiais, a própria permanência dos indivíduos nos projetos de Reforma Agrária. A sociabilidade contém características únicas que somente têm valor se os indivíduos estiverem ligados de alguma forma entre si. Este vínculo se torna possível com a existência de locais onde haja íntima troca de laços afetivos que deem força às relações interpessoais.

Sendo assim, podemos salientar espaços específicos onde há ocorrência mais fluida de trocas simbólicas. Estes lugares no sentido afetivo da palavra são as igrejas tanto pentecostais como católicas, as festas, os espaços esportivos/comunitários e, em algumas situações, a escola.

Os núcleos religiosos: a construção de um "nós"

Dentro desta complexa rede de troca destacamos a religião como um fator de contínua aglutinação mesmo em situações de conflito e ruptura. Nas igrejas mais fervorosas como a Congregação Cristã do Brasil, seus integrantes possuem uma espécie de cooperação mútua que é regida pela ordem de um pastor. A exemplo desta relação de cooperação destacamos a fala de uma moradora da agrovila do núcleo II do assentamento Monte Alegre, que não possui lote e tem que sustentar 8 pessoas, cuja preocupação é sublimada pelo fato de contar com os "irmãos" da Igreja:

"a única associação que tem aqui é a da Congregação Cristã para ajudar as outras pessoas, o material que ganhei para construção da casa foi o pastor que me deu...eu dependo da ajuda deles para dar o que comer para as crianças, a ajuda deles é importante"(fala de M., diário de campo 2/02/06).

Ainda no Assentamento Monte Alegre, no núcleo IV, o catolicismo se faz

bastante presente na comunidade que se esforçou para construir a capela e para o pagamento das contas. A moradora católica mais assídua diz ter contraído dívidas para a reforma da Igreja. Tamanho ato de doação faz a comunidade reconhecer a fé da senhora, em alguns momentos nos revelou que na falta de padre, ela ministra (como ministra da eucaristia) as missas. Também no Núcleo III se encontra uma família que cedeu parte de seu lote à comunidade cristã. No espaço existem uma capela, um grande salão onde a cada 3 meses ocorrem retiros e todas as quartas feiras grupos de oração. A família ainda cedeu parte do salão para fazer uma mini biblioteca que conta com uma caixa de livros doados pelo Governo Federal e outros por ele. Em depoimento afirma que Deus é providencial, em resposta à pergunta de como ele construiu e mantinha toda aquela estrutura:

"olha eu nunca me preocupei, quando eu menos esperava ou espero chega gente querendo comprar as coisas que produzo aqui ou no caso da capela e do barracão, os caminhões com material de construção chegavam e eu nem sabia de onde...e era apenas para eu receber e construir. Deus é divino!" (fala de J., Caderno de Campo 2007).

É importante mencionar que em alguns núcleos do Monte Alegre o padre vai apenas a cada 15 dias para celebração de missas, justamente porque este mesmo padre tem que celebrar em outros núcleos da Fazenda. Entre uma semana e outra, os ministros se revezam para a realização dos eventos religiosos.

No assentamento Bela Vista encontramos na agrovila, três diferentes templos sagrados oficiais: um católico considerado o mais antigo (Capela de São Judas Tadeu), a Congregação Cristã do Brasil e a Assembléia de Deus (sem mencionar as casas onde encontram-se núcleos espíritas e outras religiões). Durante os momentos de maior conflito deste assentamento houve resistência por parte dos chefes ou líderes espirituais para permanência da união e ajuda mútua de cada grupo específico. Todos os participantes consideram importante a comunidade religiosa, pois entendem que se tornam um corpo único em que todos se ajudam mutuamente. Há ainda um grupo de jovens bastante ativo da igreja católica que se chama JAC- Jovens Amados de Cristo, os quais se reúnem para orações e se encontram com frequência.

Os dados colhidos nos mostraram, mesmo diante de muitas rupturas, que o número de fiéis declarantes manteve-se sempre alto, resultado da força que as Igrejas exercem nos assentamentos. A saber:

No Monte Alegre, os declarantes de participação em organizações sociais são 69% dos entrevistados: no maior número de respostas, 21%, afirmaram participar de Pastorais ou Igreja Católica. No assentamento Bela Vista, das 79,5% das respostas, ao menos 20% participam de Igrejas Evangélicas e mais 3% em Igrejas ou Pastorais católicas. É importante salientar que a participação nas religiões é bastante forte nos assentamentos. Curiosamente, das 23,5% das respostas em relação à participação em movimentos religiosos do Bela Vista, 20,5% são de Igrejas Evangélicas. No Monte Alegre, este montante é parecido, 22,3% de participantes, com diferença de que a maior parte é católica e a menor de evangélicos.

Com relação às organizações nos assentamentos foi possível constatar que há uma maior diversidade na participação coletiva em grupos associativos no Monte Alegre em relação ao no Bela Vista. Enquanto que no primeiro, há citação de nove associações diferentes, no Bela Vista foram apenas relacionadas seis.

Como podemos observar nas tabelas abaixo, as organizações mais importantes, superando até os grupos produtivos estão na primeira tabela em ordem crescente: Sindicato, Grupo produtivo e as igrejas. Na segunda tabela relacionada ao Bela Vista temos a seguinte ordem decrescente: Igreja evangélica, Sindicato/Unicampo.

Tabela 1– Tipo de Organização que participa atualmente no Monte Alegre.

Participação em organizações	%
Não participa	32,10
Sindicato	4,90
Pastoral da Terra	2,50
Outras pastorais da Igreja Católica	21,00
Partido Político	1,3
Associação de Produtores	1,3
Cocamp	1,3
Igreja Evangélica	1,3
Grupo de produção ou máquina que não é associação	18,50
Mais de uma organização Sindicato e Unicampo	15,80
Total	100

Fonte: Pesquisa Nupedor 2008/2009.

Tabela 2 – Tipo de organização que participa atualmente no Bela Vista.

Participação em organizações	%
Não participa	20,5
2 – Sindicato	32
3-Pastoral da Terra	0
4-Outras pastorais da Igreja Católica	3
6-Partido Político	0
7- Associação de Produtores	3
8-Cocamp	0
10-Igreja Evangélica	20,5
11-Grupo de produção ou máquina que não é associação	3
2-13- Mais de uma organização Sindicato e Unicampo	18
Total	100

Fonte: Pesquisa Nupedor 2008/2009.

Esta grande concentração de pessoas participantes do Sindicato se dá por fatores históricos da presença e influência deste no assentamento, no processo de organização para sua constituição. Como no episódio dos conflitos associados às parcerias agroindustriais, a forte presença do sindicato proporcionou, de um lado, maior segurança para aqueles que não plantavam cana e estavam se sentindo pressionados pelo grupo produtor, de outro para que os associados às agroindústrias fossem, aos poucos, rescindido os contratos com as Usinas.

Todo este cenário e pressão levou o Sindicato a desenvolver forte atuação no assentamento pressionando para o fim das parcerias, o que provocou conflitos diretos com alguns assentados.

As associações: o significativo papel das mulheres

Ao fazermos um levantamento dos aspectos de sociabilidade nos assentamentos é preciso salientar espaços que, mesmo burocráticos, contribuem para o aumento dos laços afetivos dos grupos envolvidos. O aumento das associações ao longo dos projetos de pesquisa realizados pelo Nupedor nos mostrou uma relativa contribuição para a afirmação de certos programas e associações dos assentamentos.

No perfil realizado em 2005-2006 concluímos que as associações nos dois

assentamentos eram muito distintas. Enquanto no Bela Vista 62,5% dos entrevistados declaravam existir associações, apenas 11,1% no Monte Alegre faziam tal afirmação (como indicado no quadro 3).

Tabela 3 – Existem associações?

Existem associações de moradores	Sim	Não
Bela Vista	10(62,5%)	06(37,5%)
Monte Alegre	05(11,15%)	40(89,2%)

Fonte: Pesquisa Nupedor 2005/2006.

É importante destacar que estes dados não devem ser interpretados em si mesmos, já que a continuidade/descontinuidade das associações faz parte da trajetória dos assentamentos. Constatamos nesta primeira atualização um número muito reduzido de entrevistados tanto no assentamento Bela Vista quanto no Monte Alegre que consideravam que as associações eram uma forma organizacional positiva. Os demais trabalhadores nos responderam que viam as associações como algo ruim ou regular, chegando-se a encontrar trabalhadores que não tomavam conhecimento da existência desse modo organizacional nos assentamentos. Alguns nos relataram que as experiências de tentativas anteriores na organização de cooperativas e associações foram infrutíferas, e, em alguns casos, faliram, deixando um rastro de inadimplências e frustrações.

Já na atualização dos registros feitos em 2008-2009, o número de entrevistados no Monte Alegre que declararam participar de associações foi muito maior do que na primeira atualização, cerca de 69% e, no Bela Vista cerca de 67%. Podemos dizer que este aumento pode relacionar-se às possibilidades oferecidas por órgãos gestores, ao amadurecimento de programas municipais ou federais como Direto do Campo e PAA, respectivamente, que possibilitaram o aumento de pessoas participantes, resultados de orçamento participativo que concluíram obras como a padaria industrial e a cozinha, bem como desdobramentos do ciclo de conflitos gerados pela cana. As associações se ampliaram em certo sentido. Podemos encontrar mesmos que em alternativas esparsas, associações autônomas como produtores de hortas, leite, pães e doces. Como verificado nas Tabelas 4 e 5:

Tabela 4 – Tipo de Organização que participa atualmente no Monte Alegre.

Participação em organizações	%
Não participa	32,10
Sindicato	4,90
Pastoral da Terra	2,50
Outras pastorais da Igreja Católica	21,00
Partido Político	1,3
Associação de Produtores	1,3
Cocamp	1,3
Igreja Evangélica	1,3
Grupo de produção ou máquina que não é associação	18,50
Mais de uma organização Sindicato e Unicampo	15,80
Total	100

Fonte: Pesquisa Nupedor 2008/2009.

Tabela 5 – Tipo de organização que participa atualmente Bela Vista.

Participação em organizações	%
Não participa	20,5
2 – Sindicato	32
3-Pastoral da Terra	0
4-Outras pastorais da Igreja Católica	3
6-Partido Político	0
7- Associação de Produtores	3
8-Cocamp	0
10-Igreja Evangélica	20,5
11-Grupo de produção ou máquina que não é associação	3
2-13- Mais de uma organização Sindicato e Unicampo	18
Total	100

Fonte: Pesquisa Nupedor 2008/2009.

É importante destacar que em relação à evolução dos dados de 2005 para 2008 houve um amadurecimento do grupo em relação inserção no questionário, tanto da identificação de associações estabelecidas de forma burocráticas legais

como formas de associações não estabelecidas oficialmente. Tal alteração é decorrência da própria mudança constitutiva do movimento dos assentamentos. Esta avaliação nos proporcionou uma visão mais completa do mosaico das relações sociais existentes no assentamento.

Assim ao analisarmos as relações de compromisso, estas nem sempre são dadas de forma oficializada como se espera em um primeiro olhar. Ao observarmos mais atentamente é possível verificar estas associações entre pequenos grupos do assentamento que se juntam de forma organizada sem necessariamente montarem regras ou hierarquias. É neste sentido que podemos verificar uma participação bastante relevante identificada na pesquisa e que abarcou um maior número de categorias e grupos informais.

Um caso bastante relevante de associação oficial, ou seja, com registro, estatuto e hierarquia é a Associação de Mulheres Assentadas Irene Biazzicões, produtoras de pães que hoje além de venderem seus produtos nos assentamentos, escoam para a cidade. Em acompanhamento de campo pudemos perceber que a padaria tornou-se um ponto de referência de sociabilidade, no que se refere ao aumento de relações entre as produtoras com os compradores. Em relato de caderno de campo Dona M.J. salienta: *"aqui nós somos como irmãs, uma ajuda a outra... aqui nós trocamos confidências"* (caderno de campo 19/03/09).



Associação Ama de mulheres produtora de pães e bolos

No Bela Vista registramos vários grupos alguns ligados a instituições como a Unicampo. Em levantamento de pesquisa com assentados foram registrados em diário de campo os seguintes grupos formais ou informais do assentamento Bela Vista:

Grupos ligados a UNICAMPO:	
Corte costura e artesanato	Grupo de mulheres
Farinheira	Grupo mesclado de homens e mulheres
Campo de semente de milho	Grupos de homens, algumas mulheres acompanham seus maridos
Vassoura	assentado que produz junto a sua família
Trator	Grupo de homens
Informática	Variação de homens, mulheres
Grupos independentes:	
Horta: 3 a 4 jovens entre 23 a 30 anos	Uniram-se para fazer plantio de legumes
Horta Pedra D'Água formados por 7 assentados (dentre os pioneiros)	Produção de hortaliças.
Horta do Seu Deuzinho	Assentado mais dois ajudantes
Grupos não ligados à produção agrícola:	
JAC (Jovens Amadas em Cristo)	Grupo de oração de jovens católicos
Grupo Hip Hop	Jovens estão tendo aulas de Hip Hop, que participavam do Kizomba grupo da cidade
Grupo Pé Vermelho	Grupo de jovens que desenvolvem alternativas para cultura e lazer no assentamento.

Levantamento realizado em caderno de campo da pesquisadora Ana Flores

Destas destacamos o grupo de mulheres de corte e costura, grupo da Farinheira (misto), famílias do "Zé da Palha", lotes produtores de milho que retiram a palha para a venda de um comprador comum chamado Zé. O grupo do trator que se organizou com o intuito de adquirirem um preço mais viável da hora/utilizada do trator e uma família que produz vassouras para venda na cidade. Ainda há um grupo misto de homens, mulheres e jovens ligados à Unicampo que

recebem aulas de informática.

Todos os grupos citados iniciaram como às parcerias agroindustriais e pós-exigências do Sindicato dos Trabalhadores Rurais junto com o INCRA para retirada da cana dos lotes. É importante destacar que o maior projeto deles, cujo objetivo era a construção de uma Farinheira para beneficiamento da mandioca e venda da farinha para a região, caminha muito lentamente. Mais de dois anos se passaram e a mesma não está pronta. As mulheres do corte e costura chegaram a terminar o primeiro módulo, ficaram paradas em torno de 6 meses, apenas agora vão retomar o segundo módulo. Em relação à farinha, um assentado desabafa em conversa com pesquisadora descrita em diário de campo:

"Com relação ao projeto da farinha conversamos um pouco sobre seu andamento, segundo Sr. A. mais um mês de serviço a farinha está pronta para funcionar, entretanto por conta do dinheiro vir através do Governo (via Incra) e haver recesso, provavelmente este ano não sai. O que o deixa preocupado, pois dos 16ha que ele tem em seu lote, 10 estão plantados de mandioca, ele alertou que a mandioca que ele tem só agüentará até o período de fevereiro a março do ano que vem e espera que a farinha fique pronta até este período. Sr. A. nos disse que já teve certo prejuízo por conta do atraso da inauguração da farinha, pois ele havia plantado logo no início do projeto e acreditava que haveria a inauguração rapidamente, portanto ele terá que vender estas mandiocas que já estão quase passando do ponto, resultado, terá que o prejuízo do frete. Segundo ele, só falta o acabamento (piso de cimento, de cerâmica e azulejo) e a balança para a farinha começar a funcionar" (Diário da pesquisadora Carolina Hepe de 30/10/2009).

As fotos abaixo mostram duas etapas diferentes da Farinheira:



Farinheira no início da construção e em fase de finalização

Fora deste grupo vinculado à Unicampo existem grupos independentes ligados à produção e venda de verduras e legumes. Dentre eles destacamos o grupo dos 3 irmãos mais um, jovens que sozinhos mantêm quase 2 hectares de plantação. O outro grupo é o chamado Pedra d'água formado por 7 amigos e familiares que produzem em uma área equivalente a um lote todo e fornecem verduras para Araraquara e São Carlos. Ainda há um grupo de 3 assentados que também produzem horta no lote de um assentado.



Sítio Pedra D'água

Estas associações nos mostram que existem alternativas para as organizações formais, não precisam estar necessariamente vinculadas a instituições ou possuírem oficialidade. Nestes últimos pode-se acompanhar uma frutífera parceria entre os envolvidos, gerando trabalho, renda e vínculos afetivos que possibilitam maior integração do grupo, numa reinvenção do que vem sendo a existência dos assentamentos.

A educação e as novas alternativas de sociabilidade

Ao nos aprofundarmos nas questões educacionais do assentamento percebemos que no Belo Vista os conflitos gerados pelas parcerias chegaram ao âmbito escolar. A escola que antes era considerada ambiente de discussão e decisão comunitária deixou de ser aberta e as reuniões de fundo deliberativos/decisórios de projetos e políticas públicas deixaram de ser feitas. O medo tomou os espaços comunitários,

desconfiava-se de que a tomada de uma posição dentro da escola pudesse gerar retaliações para os envolvidos. Expressões das divisões semeadas pelo sistema de controle e poderes impostos pelas parcerias com as usinas.

Um grupo de moças estudantes de Pedagogia da Terra, pensando reverter este cenário resolveu desenvolver um projeto capaz de dar novos rumos à sociabilidade local.

Esta iniciativa começou quando oito meninas do Bela Vista foram fazer um curso de Pedagogia da Terra oferecido pelo PRONERA⁴ em parceria com outras instituições. Ao término do primeiro módulo do curso as jovens deveriam entregar como trabalho de conclusão a história do assentamento em que viviam. Sensibilizadas com todas as informações que recolheram, resolveram se juntar para montar um projeto que intitularam Pé Vermelho que atuaria em várias frentes, mas, se iniciou com a retomada das festas, valorização da história oral e futuramente embelezamento do assentamento (GOMES, 2009)

Diante desta iniciativa o grupo foi recrutando pessoas e criando corpo, promovendo no assentamento manifestações culturais com o objetivo de retomar a história e cultura local.

A primeira ação que marca este projeto, como salientado anteriormente, foi uma Noite Cultural. Conseguiram reunir os tocadores típicos do local e fizeram um lanche coletivo remetendo à fartura das festas Juninas. Uma das meninas lembra: "teve presença dos mais jovens e mais velhos e contou com a parceria do INCRA para fazer e levar os convites em cada lote do assentamento" (Diário de Campo dia 28/03/09).

A festa renasce e se renova

As reuniões que se seguiram deram voz cada vez maior às manifestações coletivas. O ambiente escolar voltou a funcionar como centro de reuniões e decisões. Como exemplo desta retomada, uma integrante do Pé Vermelho escreve em diário de campo:

"como no ano passado, a escola não fez uma festa do dia das crianças, o Pé Vermelho se dispôs a fazer essa comemoração, neste ano a escola também

⁴O PRONERA em parceria com algumas universidades públicas desenvolveu alguns cursos de graduação destinados aos movimentos sociais ligados a terra. O que destacamos aqui é especificamente o de pedagogia que está sendo ministrado em parceria com a UFSCAR.

deixou a cargo do Pé a organização da festa, mas a contribuição da escola não foi negada, houve a disponibilização de funcionários, professores, espaço da escola, material didático, contribuição com a alimentação, merendeira, pois como neste ano o dia caiu em uma segunda-feira foi dia letivo" (Diário de Ana Flores 12/10/09).

A proposta de retomada da festa em 2009 tinha o sentido de resgatar o que havia sido interrompido durante dois anos, comissões para arrecadação de alimentos, organização da decoração, dos equipamentos necessários para a festa foram criados. O empenho dos adolescentes foi grande. Imediatamente houve uma eleição de princesa da Festa e a apresentação de duplas e grupos musicais do próprio assentamento Bela Vista fizeram os assentados sentirem-se mais envolvidos. As bancas montadas com alimentos produzidos nos lotes pareciam sinalizar caminhos restauradores; materializados em vivas cores e apetitosos sabores.



Produtos expostos na Festa Junina de 2009

Representou, sem dúvida, uma grande mudança no assentamento, já que no final de 2008 em nosso acompanhamento do perfil dos assentados, apenas 65% dos entrevistados do Bela Vista haviam declarado a ocorrência de festas tradicionais, em contrapartida, no Monte Alegre 84% dos entrevistados afirmaram ocorrer festas típicas que reuniam grupos dos assentamentos. No entanto sabemos que no Monte Alegre as festas juninas, das crianças e os

almoços caipiras ocorriam separadamente nos núcleos, não envolvendo efetivamente toda a comunidade assentada. Isto por conta das formação em núcleos, ao total seis, que impedem, de certa forma, a unidade do grupo. Mas a tradição da festa das crianças no núcleo 1 é muito forte, devido a insistência de assentada Zefinha e sua filha que todo ano junto a outras vizinhas se organizam para realização desta comemoração. No núcleo 3, os almoços Caipiras são organizados pela turma da Igreja católica que promove a festividade para levantar fundos para a própria igreja.

É importante lembrar que a retomada da festa no assentamento Bela Vista, ao que tudo indica, veio mostrar que as experiências coletivas contêm significados simbólicos e ritualísticos, ligados a uma tradição que resgata a memória do grupo.

O fazer e o organizar da "festa instauram uma transformação, não só na rotina da vida da sociedade local, como na própria vida de seus participantes" (BRANDÃO, 1978, p.49). É como se os comprometidos com a festa se tornassem um corpo único, que só possui valor na situação da festa e nos rituais que ela contém. Em sentido amplo "investe-se um capital emocional em ocasiões festivas. Muitos dias de trabalhos e dieta escassa são compensados pela expectativa (ou lembrança) dessas ocasiões, quando a comida e a bebida são abundantes, os namoros florescem e todo tipo de relação social que estava esquecida retoma a vida" (THOMPSON, 1998).



Momento da quadrilha festa Junina 2009

Este ciclo, ao se manter, integra os conhecimentos nele embutidos, superando a idéia inapropriada, superficial, de que a festa não contém significados simbólicos, ainda mais em um contexto histórico de rupturas. A exemplo destes saberes podemos destacar a feitura de doces e bolos, as técnicas específicas da colheita até o mutirão para arrecadação dos produtos da festa. Os rituais desenvolvem ações que em um primeiro momento são invisíveis, mas quando observadas mais cuidadosamente significam um ciclo de esperança, de compartilhamento e reorganização social do assentamento. O que está em jogo é a reestruturação dos laços afetivos, as relações interrompidas que no ciclo da festa ou na troca de conhecimentos tradicionais identificam os envolvidos através de um objeto único de interesse.

Frutos da luta pela cultura: esperança e perspectiva futuro.

É importante destacar ainda que este grupo de jovens que lutam pela melhoria no Bela Vista, o Pé Vermelho, tiveram, na retomada da festa Juninas de 2009, o pontapé para uma nova fase no assentamento. O grupo ainda promoveu neste mesmo ano a Festa do dia das Crianças que reuniu crianças do Horto Guarani, Pradópolis, Guatapará, além das crianças do Bela Vista. Foi um dia de recreação e divertimento, com jogos, caça ao tesouro e lanche coletivo no final do evento. Como expressão desta aproximação, o "orgulho de ser assentado", destacado em redações produzidas por eles ao final do evento. O saldo foi tão positivo que os jovens do assentamento Bela Vista passaram a desejar mais espaços de sociabilidade e contato com jovens de outros assentamentos. Como indicado nas redações abaixo:

11 dias das Festas Crianças

FUNNY LOVE

STOQSSM

Nesta festa tinha diversão
Todas as crianças alegres
Com a festa de comemoração.

No dia das crianças
a festa aconteceu
animando todo mundo
que nela permanece.

Neste dia especial
as crianças brincaram
mesmo com a chuva
a alegria e a felicidade não acabaram.

Todos foram felizes
até a turma de Tradição
Porque a diversão e a alegria
tomaram conta do pátio
com toda a guelha folia.

Obrigado **Pé VERMELHO**
pela comemoração
todos ficaram felizes
mesmo com aquele chuveiro.

Pé Vermelho



FÓRONI
© V002 www.pucetclub.com

Redação feita no evento realizado, registro de diário de campo da pesquisadora Ana Flávia Flores

12/10/09

Pi Vermelho

Dia Das Crianças

Eu gostei muito da Festa Do Dia das Crianças e o Pi Vermelho faz festas lindas as crianças de Padroeiros são muito legais e divertidos Tava indo tão Bem mas a chuva fez com que parasse a brincadeira mas continuamos no pátio da Escola Foi legal Agradeço ao Pi Vermelho por fazer as crianças e moradores do Assentamento Bela Vista felizes

Espero que continue até o fim e a Bela Vista mude mas para melhor nós queremos que arrumem o salão para festas e alugem para Aniversários de 15 anos. e espero que e eu sei que vocês só querem o Bem do Assentamento, não somos muito grates a vocês.

Parabéns
por
Tudo

Ass: Camila Stravatti
8º ano

As atividades no ano de 2010 foram ainda mais organizadas, a repercussão ainda maior. O Pé em parceria com o KRUPPA e o SESC montaram uma visita monitorada às capelas rurais no entorno de Araraquara. Entre um dos pontos de paradas estava o assentamento Bela Vista. O grupo de turistas visitou a capela e o antigo Casarão com direito à contação de histórias locais.

Destacamos que tal evento foi importante por dois motivos, o primeiro, por colocar o Bela Vista não mais como lugar de pouca visibilidade ou como chamados por algumas pessoas de "favela rural". Quebra-se esta visão e ainda coloca-se o assentamento num circuito de possibilidades turísticas voltas à valorização do patrimônio material histórico e cultural. O segundo ponto importante é que o grupo envolveu com tais iniciativas outras pessoas do assentamento. Neste dia, muitos se juntaram em mutirão, para limpar e consertar o sino da Igreja que há muito tempo não tocava e para fazer o almoço para os convidados. Explicações que sinalizam o despertar para uma nova sociabilidade no assentamento, recriando espaços anteriormente perdidos. É o refazer das memórias anteriormente esfaceladas com a dureza das relações materiais, com o peso indigesto dos conflitos e confrontos.

Destacamos ainda como iniciativa do grupo a recente reforma do Paiol, que anteriormente, quando o Bela Vista ainda era fazenda produtora de café, era um lugar onde as mulheres da fazenda lavavam as roupas, e que, durante o assentamento, virou depósito de madeira e entulho. A reforma promovida por este grupo de jovens, com direito a história nas paredes, desenhos em mosaico e novo jardim de flores tem sutilmente indicado um caminho criativo para permanecer no assentamento e torná-lo cada vez melhor para se viver.

Conclusão

Enfim, dentre todos os aspectos destacados, cabe maior atenção, não aos conflitos, mas às iniciativas e alternativas criativas que vêm sendo demonstradas tanto pelo grupo Pé Vermelho, quanto pelas associações não oficiais que vêm se destacando pela perspectiva de permanência e de interferência no futuro dos assentamentos. Igualmente, a associação das mulheres produtores de pães que no papel de associação legal tem se constituído, de maneira sólida, em um espaço também legal no mercado regional, lutando para se integrar à nova lei da merenda escolar. Alternativas estas, que têm surpreendido em originalidade e eficiência as políticas públicas dirigidas aos assentamentos, muitas deles inadequadas para quem está na terra, nela trabalha e dela vive. É preciso olhar e aprender, não deixar de

fazer críticas, mas caminhar junto para que as políticas tornem-se mais eficientes por um lado e, por outro, que os assentados vejam, nas políticas, possibilidades de se manterem efetivamente incluídos na Reforma Agrária.

Referências

BRANDÃO, C. R. **O Divino o Santo e a Senhora**. Rio de Janeiro: Campanha de defesa do folclore brasileiro, 1978.

_____. **Os deuses do povo**: um estudo sobre religião popular. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

GOMES, T. P. de S. Um estudo das relações sociais e políticas do assentamento Bela Vista de Araraquara através da festa junina. Simpósio Impasses e Dilemas da Política de Assentamentos, Araraquara, de 28 a 30 de setembro, 2005. In: **Anais...**, CD-ROM.

_____. Sociabilidade x Conflito: projetos de assentamentos na região de Araraquara. 25ª Reunião Brasileira de Antropologia. Goiânia-GO, junho, 2006. In: **Anais...**, CD-ROM.

_____. Do cotidiano ao futuro dos assentamentos: alternativas, reivindicação e permanência. Simpósio Nacional Reforma Agrária: Balanço Crítico e Perspectivas, Uberlândia - MG, maio, 2006. In: **Anais...**, www.simposioreformaagraria.propp.ufu.br

_____. Redes de Associação e Sociabilidade nos assentamentos rurais de Araraquara-SP a partir da atualização de perfil. Simpósio Reforma Agrária e Assentamentos Rurais, Araraquara, junho, 2010. In: **Anais...**, CD-ROM.

_____. Entre a casa e a Rua: uma etnografia de saberes no assentamento Bela Vista do Chibarro-Araraquara-SP. **Retratos de Assentamentos**, Araraquara, n.12, Nupedor/Uniara/Incrá-SP, p.243-258, 2009.

SIMMEL, G. Sociabilidade, um exemplo de sociologia pura ou formal. In: SIMMEL, G. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1997.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum: estudos sobre cultura popular tradicional**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.